

## RESENHA

### MORTE: BELEZA E INSANIDADE?

ARAÚJO, Tonny. **O suicida**. São Luis: Editoria Aquarela, 2015.

**Luciano da Silva FAÇANHA\***  
**Kayo Elmano da Costa Ponte GALVÃO\*\***

O livro *O Suicida* de Tony Araújo é resultado do 35º concurso literário “Cidade de São Luís”, prêmio Coelho Neto e tirou em primeiro lugar na categoria *Conto*, em 2013. O livro foi publicado em 2015, pela Editora Aquarela.

N’*O suicida*, de Tonny Araújo, o autor aborda uma perspectiva um tanto quanto insana a respeito do caminho que um indivíduo leva até a morte. De uma forma sarcástica, o autor nos introduz na narrativa de uma maneira bem diferente, mostra o que se passa na mente de pessoas que presenciam a morte rotineiramente. A morte é um evento natural e fisiológico que acomete a todos os seres vivos existentes no planeta. Por dia, aproximadamente milhares de pessoas passam desse “plano” para outro, por causas bem distintas. Entretanto, se a morte é algo fisiológico e natural do corpo, por que é tão temida? No *Suicida*, o autor apresenta uma perspectiva diferente a respeito da morte e tem como personagem principal J. Guilty, que narra toda a história. Ele, por ser um valente combatente, fala da morte como algo normal, rotineiro, e por vezes, até com um humor ácido. Vivenciada quase sempre pelo personagem, a morte tem um significado belo e excitante que é da natureza do homem. Ir contra ela seria uma tremenda bobagem. A personagem nos transmite o fenômeno Morte com uma tremenda falta de afeto, e até grosseria, e traz para nós, singelos espectadores, a vontade de adentrar na mente desse rapaz e descobrir o que de fato levou esse jovem a ter uma concepção, aparentemente insana da morte. Mas, se a morte não era o mais temível na narrativa, o que seria tão

---

\* Doutor em Filosofia pela PUC/SP, professor do Departamento de Filosofia da UFMA e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult/UFMA. E-mail: [lucianosfacanha@hotmail.com](mailto:lucianosfacanha@hotmail.com)

\*\* Graduando em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Sá de São Luís. E-mail: [kayoelmano17@hotmail.com](mailto:kayoelmano17@hotmail.com)

terrível em meio a uma batalha? J. Guilty traz a si um desejo extremamente forte pelo manuseio de suas armas. É nítido seu fascínio por esses objetos poderosos e sem elas, seria uma falta de prazer imensurável. Portanto, ir para o combate não faria tanto sentido assim. “São nada mais, nada menos que prolongamentos dos nossos corpos, e valem, hão de convir, bem mais que nossas vidas”, narra o personagem. O caos das batalhas tirava dos fortes combatentes a humanidade que outrora ainda restava. Não era de nenhuma importância deles se os corpos do pelotão rival estavam espalhados pelo chão e serviam apenas para adubar aquela terra. Contudo, viver ali em meio aquela situação era desgastante, desde a moradia até a alimentação, e vivenciar aquelas circunstâncias prejudicava a integridade mental de qualquer indivíduo. Mas, se a sociedade os trataria como verdadeiros heróis patriotas era onde eles deveriam realmente estar. Depois de tantos acontecimentos, para Guilty, a morte já não significava mais nada, o que restava disso era o medo da dor, algo no qual não se podia evitar. Logo, se não existia significado, não existia comoção, lágrimas, e muito menos saudade. As pessoas ali corriam para seus destinos, seriam suicidas, como alguém sem nenhum sucesso profissional ou algo que pudessem deixar na memória dos entes queridos em casa. Pronto para saborear a sensação da morte, Guilty afirma que a morte vive em todos os lugares, inclusive dentro de si, e que se submeter a ela seria um ato de liberdade. “A morte está em tudo, assim como seu absurdo poder de construção.”